

II Encontro “Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional”

Antônio: de Oliveira a Baobad

Beatriz Ana Loner*

Esta comunicação descreverá a trajetória de Antônio Baobad e de seus amigos, na Pelotas de final do século XIX. Ex-escravo que foi liderança operária e étnica, fazendo parte do grupo fundador do jornal *A Alvorada*, Antônio aparece em várias atividades importantes da Pelotas operária de fins do século XIX e inícios do novo século. Sendo incomum, sua trajetória explora ao máximo as potencialidades abertas com a libertação dos trabalhadores negros em 1888, ao mesmo tempo que configura algumas das limitações que enfrentaram, em sua tentativa de integração a sociedade branca e capitalista..

Teoricamente, filio-me aqueles que ainda trabalham com condicionantes estruturais que balizam as trajetórias dos agentes históricos, mas também procuro ver, em cada trajetória individual, as marcas das escolhas possíveis entre as trilhas disponíveis, desde aquelas mais fáceis ou óbvias, até as fabricadas pelos próprios atores, normalmente mais difíceis ou trabalhosas.

Como sua vida conseguiu ser relativamente bem documentada, nessa comunicação nos deteremos mais particularmente em sua evolução da condição de escravo até seus primeiros anos de liberdade e sua troca de nome, inclusive respeitando a delimitação temporal desse próprio simpósio. A idéia é contextualizar um pouco a situação dos grupos de trabalhadores negros na cidade, utilizando-se sua trajetória como fio condutor. Ele consegue ser representativo daquele grupo de trabalhadores negros da cidade, pois ao longo de sua vida, compartilha experiências e esperanças com vários outros militantes negros, a maioria trabalhadores manuais como ele e os acompanha na luta por uma vida melhor. Desta forma, pretende-se também fazer referências a outras trajetórias, que entrecruzaram com a sua

* Professora Doutora do Depto. de História e Antropologia da Universidade Federal de Pelotas

O título diz respeito diretamente a evolução intelectual e política de Antônio. Afinal, *de Oliveira* era o sobrenome de seu patrão, do qual não se conseguiu descobrir maiores dados. Depois de liberto, o que deve ter acontecido por volta de 1880-1881, exatamente ao início da luta abolicionista na cidade, Antônio continuou ainda, por alguns anos, a usar este sobrenome, até que, em meados da década de 1890, ele livra-se do passado, adotando o sobrenome de Baobad, gigantesca árvore africana conhecida por suas grossas raízes. O momento de troca do nome também parece ser de uma inflexão em sua trajetória de vida, quando decididamente sente que a luta étnica tem igual importância que a luta operária. Então, modifica seu nome, dando ênfase maior a sua condição étnica e reivindicando suas origens africanas, embora continue sua atuação sindical e reafirme seu ideal socialista.

Introdução:

Os negros foram levados para Pelotas para trabalhar, como escravos, nas charqueadas, que constituíam a principal produção econômica da região. Na última década do Império, os escravos eram cerca de 6.000 no município. Com a Abolição e a República muitos deles permaneceram na região, desenvolvendo as mesmas atividades que anteriormente nas charqueadas e também se empregando em fábricas, na construção civil e nos trabalhos do porto. Praticamente, eles eram encontrados em todo o tipo de trabalho manual, especialmente naqueles mais árduos e estafantes.

A sua concentração em Pelotas, devido à atividade charqueadora, fará com que o contingente de trabalhadores negros seja o maior grupo em disponibilidade para trabalhos braçais na cidade. Além disso, constituía o que tinha menor possibilidade de ascender na escala social e portanto, a ele é que interessava, em grau maior, a conquista e manutenção de posições operárias dentro da sociedade, o que abrangia desde a luta pela melhoria das condições de vida, saúde, urbanização e educação popular até as lutas propriamente classistas e organizatórias do operariado. Para este grupo, ser operário, embora significasse uma vida difícil e sofrida, ainda era superior à situação de biscateiro, sem profissão definida, mão de obra apenas para tarefas humilhantes, pesadas ou esporádicas, que era o que a sociedade parecia querer reservar a eles. A situação de paria ainda era pior do que a situação de operário, mesmo que a segunda implicasse em trabalho pesado, remuneração baixa e muito esforço físico.

Já no período da escravidão, havia um regular contingente de negros livres na cidade, contingente suficiente para organizarem-se três entidades beneficentes negras, no início da década de 1880, duas delas reunindo artesãos. Embora não fossem

excludentes em relação aos brancos, uma delas sempre permaneceu como entidade negra (S. B. Fraternidade Artística) e a segunda configurou-se como entidade mista (S. B. Harmonia dos Artistas), embora com predominância negra no período imperial. A terceira entidade (S. B. Feliz Esperança) era apenas de negros, também trabalhadores, sendo a única a aceitar escravos entre seus quadros.

É necessário ressaltar o papel dessa última entidade na aglutinação e representação, inclusive política, da etnia negra na cidade, representando o grupo e, especialmente, servindo como agregadora de esforços diferenciados de setores entre eles, emprestando suas sedes para reuniões de associações menores, buscando oferecer aulas para os filhos de seus sócios, amparando-os em momentos de necessidade, etc. Ela também ocupou um papel importante na organização da classe operária na cidade, não só sediando entidades como participando decididamente das mobilizações e comemorações operárias.

Antônio, escravo, crioulo, de cor preta...

A maioria dos dados biográficos sobre ele foi conseguida através de crônicas de seu irmão, Rodolfo Xavier, publicadas em dois números do jornal Alvorada, distantes entre si exatamente 20 anos¹. Na primeira, em 5/5/1935, é enfatizado seu papel na liderança da categoria dos chapeleiros e na segunda, sua dedicação ao jornal Alvorada, do qual participou em seus primeiros números, tendo falecido logo a seguir, com 48 ou 49 anos.

Antônio nasceu escravo por volta de agosto de 1861, tendo por mãe a crioula Eva. Em algum momento de sua infância, ou, mais provavelmente na adolescência, foi vendido, pois sabemos que seu sobrenome, Oliveira, vinha de seu último dono. Seu irmão, nascido depois da lei de 1872, Rodolfo, teve por sobrenome Ignácio Xavier, o que indica que sua mãe continuou de posse do mesmo senhor de escravos, enquanto Antônio trocou de senhor.

Não sabemos em que atividades trabalhou como escravo, mas o mais provável é que tenha sido encaminhado para serviços urbanos, porque, tanto o fato de ter conseguido se libertar precocemente, quanto o preparo mental, a profissão especializada e urbana que teve posteriormente e a informação de Rodolfo, de que “pagou professores para se alfabetizar”, logo depois de liberto, dão idéia de que já tinha algum traquejo

¹ Respectivamente, Alvorada de 5/5/1935, p.2. e Alvorada de 5/5/1955, ambas intituladas “*Antônio Baobad*”. Elas são as principais fontes disponíveis, complementadas por notícias de jornais. A partir de agora, serão referenciadas através de RX, 5/5/1935 e RX 5/5/1955.

urbano, conhecendo os caminhos daquela sociedade em que iria se inserir. Se tivesse sido empregado no trabalho da charqueada, por exemplo, viria a cidade apenas muito eventualmente e teria uma profissão vinculada aquela atividade, como magarefe, boleeiro, sebeiro, etc, o que não foi o caso, pois trabalhou sempre como chapeleiro e foi mestre no seu ofício.

Também nada se sabe sobre a forma como adquiriu a liberdade, nem quando. Seu irmão economizou ao máximo neste tipo de informações, apenas nos deixando saber que *teve a desdita de ter nascido escravo*. A data em que se torna livre, situa-se, provavelmente entre os anos de 1880 e 1881, pois em 1882 está ingressando nas aulas noturnas da Biblioteca Pública, exclusivas para pessoas livres. Porém, neste momento, já estava alfabetizado, segundo Rodolfo (RX 5/5/1935) : “*estudando até altas horas da noite, depois de ter mourejado o dia anterior e pagando professores logo após em que obtive a liberdade (...) isto depois de 80 ou 81...*”

É possível que Antônio tenha se emancipado via alguma forma de contrato de prestação de serviços com tempo determinado, embora essa forma só tenha se disseminado amplamente na cidade dois anos depois. Mesmo assim, desde os inícios da década de 1880, era freqüente encontrar nos jornais pequenos informes de pessoas que haviam negociado com seus escravos alguma forma de liberdade condicional, normalmente exigindo em troca a continuidade do trabalho por alguns anos, ou então que servisse seus senhores até a morte desses, ficando posteriormente livre.

Outra possibilidade é a de que seu dono, sensibilizado pela campanha abolicionista, o libertasse incondicionalmente, ou ainda que pudesse ter sido alforriado através de disposições testamentárias, quando da morte de seu senhor ou senhora. Nesses dois casos, ou seu dono tinha uma ideologia abolicionista muito forte, ou ele deveria ser um escravo muito especial para alguém, pois alforriar um escravo masculino, com 19 a 21 anos, em plena capacidade física, significava, na época, abrir mão de um investimento financeiro apreciável, como sabemos. Restam ainda algumas alternativas: Antônio poderia ser parte de um plantel de escravos que foi liberto, com vistas a que seu dono, ou responsável legal, obtivesse algum bônus, mesmo que apenas no campo simbólico e honorífico, como por exemplo, aproveitando a possibilidade, existente naquele momento, de serem os donos de muitos escravos, que os alforriassem,

agraciados com títulos de nobreza do Império². Há notícias desse tipo de acontecimento nos jornais da cidade, nessa época.

A última possibilidade é que ele tenha feito um pecúlio próprio e comprasse sua liberdade. Mas, parece evidente que, se fosse esse o caso, Xavier teria provavelmente alardeado esta condição de liberto por si próprio, coisa que não fez, utilizando uma expressão neutra, OBTEVE e não comprou. Contudo, o fato de Xavier não ter explicado melhor as condições da libertação do irmão, nos coloca algumas questões sobre o próprio Xavier. Ele já nasceu liberto, beneficiado pela Lei do Ventre Livre, mas obviamente, teve muito contato com a escravidão, pois sua família, seus amigos, enfim, a maioria de sua ‘raça’ que o cercava, tinha passado por esta experiência. Contudo, ao falar dos males da escravidão e ao condená-la, ele raras vezes se referiu especificamente a sua cidade, mesmo assim de forma generalizante: “A Escravidão, nem nos cafezais, foi tão dura e aviltante como nas senzalas das charqueadas” (Alvorada 7/8/1932). Quando fala sobre “os tempos da escravidão” em Pelotas, são sempre comentários sobre eventos, pessoas ou instituições – festas, pretas minas, capoeira, associações – e nunca sobre a condição dos escravos. Obviamente, devia ter dados interessantíssimos para colocar em suas crônicas sobre a condição escrava, mas nunca os usou. Porque? A resposta parece ser complexa:

Aos cronistas, devemos aplicar os mesmos cuidados que aos depoimentos orais, e já são sobejamente conhecidos os mecanismos seletivos da memória. No caso de Rodolfo, pela sua própria relevância e papel dentro da comunidade negra de Pelotas, ele praticamente estava instituindo a história oficial do grupo na cidade e a sua seria, assim, a memória étnica desse grupo. Mas era uma memória negociada, pois boa parte do grupo negro não queria relembrar suas raízes, como o próprio Rodolfo denuncia³.

Dessa forma, se pode utilizar, em relação a ele, as advertências de Raphaël (1980) sobre a questão das memórias de grupos étnicos. Para este autor, há uma relação dialética entre a memória coletiva e a ‘bricolage’, entre a imaginação reprodutiva e a imaginação criativa, pois a memória coletiva eleva a imaginação do

² Ao final da escravidão, o Imperador passou a distribuir títulos de nobreza para aqueles que se distinguiram na libertação de seus escravos e Pelotas teve alguns interessados em obtê-los.

³ “Aqui, como não há entes humanos para caçá-los nas selvas, os descendentes de sangue africano, terceiroes e quarteirões, mulatos “descascados” negam e menosprezam a sua própria origem! (Alvorada, 7/8/1932). Isso se repete em várias outras crônicas, por exemplo, em “ Pretas minas” (Alvorada 12/5/1935).

grupo à das experiências fundadoras e também é, antes de tudo, mais uma memória "*constituente*" que uma memória "*constituída*" (p. 129).

A narração do fato passado não é o verdadeiro deste fato: o passado é imediata e inevitavelmente reconstruído por aquele que o conta, em qualquer meio social que ele pertença. Os esquecimentos são tão significativos quanto as lembranças porque elas testemunham o trabalho seletivo da memória, que descarta, mais ou menos inconscientemente, ' aquilo que desarranja a imagem que nós fazemos de nós mesmos e de nosso grupo social ' (p.131)... A história oral deve necessariamente levar em conta o trabalho incessante da memória, que opera uma triagem dentro do passado em função das exigências do presente e que, ao mesmo tempo, inscreve, na paisagem e nos corpos, os mitos e as atitudes que remetem aos valores normativos do grupo (p.135) .

Rodolfo passou toda a vida querendo superar as conseqüências nefastas da escravidão, pois sua luta, como líder sindical e étnico sempre foi no sentido de dar ao trabalhador condições de existência dignas – exatamente o que ele não possuía no período anterior. Devido a isso, para ele, lhe interessava mais o que os trabalhadores poderiam fazer, forjando seu futuro, agora que eram livres, apostando na luta sindical, na república e no socialismo, e não relembando fatos e situações lamentáveis do período anterior, e que poderiam dar ensejo a que alguns se utilizassem do passado como desculpa para sua falta de ação no presente. Entendo que é nesse sentido que se deve entender a sua postura frente à situação anterior de seu irmão.

Feitas estas considerações, podemos, exercitando a hipótese de que tenha se libertado pela compra da alforria, chegar a algumas constatações: a primeira é que seria difícil a uma pessoa tão jovem conseguir a quantia necessária, por muito alta. Mas ele poderia ter feito um pequeno pecúlio com seu salário e depois obtido auxílio, seja de sua família, seja da Sociedade Feliz Esperança, da qual sabemos que foi sócio. Ou ainda, poderia ter sido libertado com o apoio dos seus colegas de trabalho, talvez os próprios chapeleiros, que fizessem uma quotização para tanto. Sabemos que isso aconteceu, em outros locais do país, e em algumas categorias, como por exemplo, tipógrafos do Rio de Janeiro (VITORINO, 2000). Agora, isso seria um exemplo claro de solidariedade operária e certamente Xavier relembriaria o fato, o que não fez. Ainda, era mais fácil isso acontecer quando a categoria estava organizada, que só se organizou, na cidade, alguns anos depois.

Sobre o auxílio da Sociedade Feliz Esperança para sua libertação, esta é uma hipótese plausível. Pelo que se conseguiu descobrir, essa sociedade tinha sido formada ainda antes de 1877 e funcionou durante muito tempo como uma associação lotérica, o que estava implícito no seu nome “Associação Lotérica Beneficente Feliz Esperança”,

que comprava bilhetes de loterias com o dinheiro arrecadado dos sócios. Como não temos seus estatutos, não sabemos o destino dado a eventuais prêmios, se seriam repartidos entre os quotizadores ou se era empregado na alforria de escravos-sócios. Esta é uma hipótese plausível, haja visto que, em agosto de 1881, cria-se uma associação emancipacionista na cidade, o Clube Emancipador⁴, que funcionaria por um sistema de quotas com valor fixo, cujo resultado seria investido na compra de bilhetes, e do prêmio eventualmente recebido, se libertaria escravos. Sabemos também, que, mesmo depois de 1880, quando muda de nome e transforma-se numa sociedade beneficente, a Feliz Esperança continuava a contribuir para a libertação de seus consócios⁵. Em breve parêntese, deve-se informar a quem ache estranho ter tanta fé em loterias, que um grupo de escravos da cidade já tinha sido contemplado com o primeiro prêmio de uma loteria na década de 1880⁶, e outros casos ocorreram naqueles anos, no Brasil, o que disseminou uma febre de apostas em loterias por toda a cidade.

Quanto a família de Antônio, também é possível que ajudasse em sua libertação. Tudo leva a crer que os laços familiares não foram rompidos com sua venda, pois depois de liberto, foi morar próximo a sua mãe, que por sua vez, se mudara exatamente no período que corresponde a sua provável libertação, o que indica que ela também pode ter se tornado livre neste momento. Enfim, seja de que forma for, em inícios da década de 1880, Antônio está livre, devendo buscar seus caminhos numa cidade preconceituosa e conservadora, embora com um potencial econômico importante, com várias indústrias desenvolvendo-se naqueles anos, o que era extremamente favorável para quem deveria sustentar-se por sua própria conta, na juventude e na velhice, na abundância e na pobreza, na saúde e na doença, sem nenhum outro amparo do que aquele que conseguisse angariar entre os seus, o que era a sina de todo operário daqueles anos.

Antônio de Oliveira, operário chapeleiro, livre

Rodolfo documentou muito bem sua infância, então sabemos que Antônio, já liberto, teria lhe ensinado leitura, dando início a grande amizade que reuniu estes dois

⁴ Diário de Pelotas, 30/8/1881

⁵ A Discussão, 5/2/1884.

⁶ Veja-se, por exemplo, A Discussão de 10/6/1881 ou Diário de Pelotas de 1/7/1881.

homens, ao longo de suas vidas. Naqueles anos, a família morava na rua São Jerônimo⁷ (atual mal. Floriano), em local central hoje, mas zona periférica na época, contando com algumas indústrias e moradia de trabalhadores, muitos deles negros. Local de entrada da cidade, próximo ao canal de Santa Bárbara, tinha também um posto de descanso dos carreteiros, apropriadamente chamada de “ Praça das Carretas” e naquela praça, até 1857, esteve erigida a forca, que justçou poucos escravos, em termos reais⁸, mas cuja presença simbólica deixou marcas profundas, rendendo-lhe o apelido de “ Praça dos Enforcados”, que sobrevive até hoje na cidade, quase 150 anos depois.

Ainda a mesma fonte nos diz que Baobad foi seu mestre de primeiras letras, e depois fizeram um ano de estudos conjuntos nas aulas da Biblioteca Pública. Isso está de acordo com os assentamentos das aulas noturnas da Biblioteca, na qual consta que Antônio entrou em 15 de maio de 1882 e Rodolfo um ano depois, em 14 de maio de 1883. Também estes assentamentos nos dizem do bom aproveitamento de seus estudos, sendo considerados dos mais assíduos e adiantados (PEREZ, 1995).

As aulas noturnas da Biblioteca foram escola básica de preparação para muitos artesãos e operários daqueles anos, inclusive pessoas que depois despontaram em várias profissões, como por exemplo Justo José do Pacífico, negro, que entrou também em 1883, orador do Congresso Operário de 1887, batendo-se contra a “Tarifa especial” do Império⁹. Devia ter propensão a oratória, pois ainda foi orador de várias outras associações, como a Feliz Esperança em 1885 e a Fraternidade Artística em 1886 e 1887, sendo ainda orador do Centro Cooperador dos Fabricantes de Calçados (1888), como dono de oficina de sapatos. Em 1899 participa ainda de chapa para a eleição da União Operária Internacional, central operária de orientação socialista. Participou ativamente, como membro da coordenação do Centro Ethiópico, da festa da Abolição em 1888, juntamente com os filhos de Manoel Conceição da Silva Santos, este último eminente figura da Abolição na cidade, dono do A jornal *A Voz do Escravo* de 1881, presidente da sociedade de artesãos Fraternidade Artística e tesoureiro do Clube Abolicionista, entre outras atividades. Os três jovens, que já deviam ter sido alfabetizados antes, pois freqüentaram a escola da Biblioteca apenas em 1880, nas aulas

⁷ Alvorada, 6/6/1953

⁸ Segundo Al-Alam (2005) foram quatro os espetáculos de enforcamento que a cidade presenciou.

⁹ A chamada Tarifa especial permitia uma injusta concorrência de produtos importados frente aos nacionais, favorecendo o comércio de Porto Alegre e quase impedindo o desenvolvimento de certos ramos, como sapatos e chapéus no interior, motivo pelo qual provocou a organização do Congresso Operário, que dois anos depois, dará origem a Liga Operária na cidade.

de português (PEREZ, 1995), depois serão professores da escola do próprio Clube Abolicionista (sustentada pelo seu pai) entre os anos de 1882 e 1883¹⁰. Um deles, José da Silva Santos será liderança importante do Centro Ethiópico, organização negra coordenadora dos esforços abolicionistas, seu secretário em 1884 e presidente em 1888, além de presidente da S.B. Fraternidade Artística em 1888. De profissão construtor, será também presidente da primeira diretoria de cor do Asilo São Benedito, para crianças negras, em 1901 e desempenhará vários outros cargos no novo século. Contudo, na década de 1920, depois de ter construído, com sua empresa, o Cine Teatro Guarany, e ter sido impedido de sentar nas cadeiras da platéia do teatro, devido a cor, vai iniciar campanha contra o racismo na cidade, fato que contribuirá para sua morte, pelos desgostos sofridos com a falta de apoio da comunidade negra. Seu irmão, também construtor, João Vicente da Silva Santos participará da diretoria do Centro Ethiópico, da Fraternidade Artística, do Recreio dos Operários e outras, sendo elemento de relevo em todas, mas falecendo precocemente.

Negros e futuras lideranças operárias também eram Pedro Elísio de Alcântara e João Batista Lorena. Este último acompanhou Antônio em várias associações operárias, pois também era chapeleiro¹¹, e foi assíduo participante de diretorias de associações negras da época, como, por exemplo, o Clube José do Patrocínio e o Clube Carnavalesco Flores do Paraíso, além de, como músico, ser iniciador da Banda União Democrata, que conseguiu subsistir até nossos dias. Em 1900, alista-se eleitoralmente, declarando ter 33 anos, ser filho de Abrahão Lorena, casado, vivendo do comércio.

Mas também encontramos brancos, seja nacionais, seja imigrantes ou seus filhos, como Ricardo Pretz e Francisco Cardona dos Santos, ambos freqüentando aulas de português em 1877 e 1878, respectivamente e que vão fazer carreira no comércio, posteriormente. Talvez seja necessário relembrar aqui que as ofertas de aulas para pessoas pobres eram muito escassas naquele momento, e que, especialmente com relação aos negros, apenas as aulas do Clube Abolicionista e a Biblioteca Pública os aceitavam, o que ajuda a explicar o elevado número de negros que a freqüentaram.

Foram centenas as pessoas que freqüentaram a escola da biblioteca e que depois tiveram participação relevante, em seu meio, na cidade, mas, para encerrar, vamos falar de Rodolfo, também ele líder operário, mas nascido em 10/5/1873, com atuação

¹⁰ Conforme Carta de Manoel Conceição da Silva Santos, tesoureiro do Clube Abolicionista, publicada no jornal Onze de Junho, de Pelotas, em 13/2/1885.

¹¹ Correio Mercantil, 10/6/1890

concentrada no século XX. Começou a trabalhar com treze anos, em 1886, aprendendo os ofícios de vassoureiro, colchoeiro e maleiro, tendo sido ainda pedreiro durante dois anos. Em 1891, foi incorporado nas tropas federalistas e depois lutou ao lado dos republicanos. Na volta, foi trabalhar como chapeleiro, mas por fim, abraçou o ofício de pedreiro, no qual trabalhou durante o resto de sua vida. Participou das diretorias da União Operária Internacional de 1895, do Centro Operário 1º de Maio um ano depois, da União Operária de Pelotas em 1907 e 1908, do Sindicato dos Pedreiros em 1933/34 e de outras associações, de raça ou de classe, ao longo da primeira metade do século XX. Foi colaborador e redator do jornal da Liga Operária, em 1926 "O Proletário", participando do III Congresso Operário, realizado em Porto Alegre em 1925, do encontro de lideranças anarquistas gaúchas em 1927 e do IV Congresso Operário gaúcho, realizado em Pelotas, em 1928 (LONER, 1997a). Participou ainda de várias lutas operárias, como pelas 8 horas de trabalho em 1911 e de movimentos étnicos, como a luta pela posse do deputado Monteiro Lopes em 1909 (Alvorada 7/6/1952), de ações contra a discriminação racial e pela educação, além de ser grande incentivador da criação da Frente Negra Pelotense na década de 1930. Socialista, dava palestras sobre o tema, na cidade ou no estado (*A defesa*, Bagé, 1911) e candidatou-se a deputado pelo Partido Socialista Brasileiro em 1934 (LONER, 2001). Colaborador do jornal Alvorada desde seus inícios, destacou-se como cronista e comentarista de vários temas, demonstrando erudição¹². De posições políticas socialistas moderadas, conseguiu trabalhar conjuntamente com anarquistas, trabalhistas e comunistas no meio sindical, sempre defendendo seus pontos de vista.

Essas trajetórias terminam demonstrando a potencialidade da educação para os setores e grupos subalternos, especialmente naquele momento de mudanças e transformações sócio-políticas, dando-lhes vantagens relativas entre seus conterrâneos e despertando novas idéias, mesmo num meio social tão limitado quanto o de uma cidade conservadora e periférica em relação ao contexto nacional.

E qual era essa cidade, em que Antônio, livre, tentava encontrar seu caminho?

Na década de 1880, a cidade estava extremamente agitada, devido a insegurança social e econômica trazida com a perspectiva da abolição da escravatura. Tendo sua economia e fonte de riqueza baseada no charque, Pelotas via com apreensão a iminência da abolição, porque ela a afetaria em dupla forma: enquanto mercado para

¹² Sobre o jornal Alvorada, veja-se SANTOS (2003) e sobre a posição de Xavier na década de 1930, ALVES (2005).

seus produtos e enquanto eliminação da fonte principal de mão de obra para as charqueadas. Por isso mesmo, a campanha pela libertação dos escravos deu motivos a muitas dissidências e contramarchas na cidade, com sua elite sempre sobressaltada pelas notícias de revoltas nas províncias do Rio e São Paulo, que chegavam através dos jornais. Para conjurar estes problemas, a elite apostou no mecanismo dos contratos por tempo de serviço, forma pela qual o escravo era juridicamente transformado em contratado, devendo, entretanto, prestar serviços a seus ex-donos em troca do pagamento de seu valor, por um número variável de anos. Apresentada como a grande solução final, levou a realização da “Festa da Emancipação” em 16 de outubro de 1884, sendo a cidade declarada livre de escravos pelos defensores mais entusiasmados da idéia, embora em termos práticos, pouco modificasse em termos do tratamento e nível de exigências dos donos/patrões sobre os trabalhadores sob coerção.

Em termos jurídicos, diminuiu-se drasticamente o número daqueles que eram considerados escravos (e com isso, os donos de seus contratos deixavam de pagar o imposto correspondente), mas também levou a aceleração do deterioramento da instituição escravista, com muitos contratados começando a apresentar comportamentos considerados inaceitáveis pelos seus “contratantes”, de forma tal que muitos destes preferiram rescindir os contratos, abrindo mão de seus direitos sobre os trabalhadores. Outros contratados começaram a fugir, tomando a rota dos países platinos, nos quais a escravidão já havia sido abolida há tempos, ou então, deslocando-se para outras cidades e contando, nesse momento, com o apoio efetivo de parcela significativa da população gaúcha. Para os charqueadores, o pior foi que o clima de colapso do escravismo terminou por contaminar também aqueles trabalhadores que tinham sido mantido como escravos, dando por resultado a intensificação das fugas. Com isso, eles começaram a tomar medidas drásticas para segurar sua mão de obra, o que resultou em caçadas aos fugitivos e justicamento sumário de alguns. A cidade enfrentou, em fins de 1887, um arremedo de revolta escrava (LONER, 1997b), que terminou, aparentemente, com vitória dos escravagistas. Contudo, a realidade das fugas continuou acentuando-se, especialmente a partir de janeiro de 1888, levando a uma grande insegurança em relação à possibilidade de funcionamento das charqueadas naquela safra, com a redução da quantidade de gado comprado.

Alguns setores dos trabalhadores urbanos tentaram apoiar a luta abolicionista, o que se tornava mais difícil na cidade, tal a violência dos escravocratas. Uma das formas

encontradas era a libertação de alguns escravos, outra, mais evidente e pitoresca, era a atuação de clubes carnavalescos e suas críticas durante os períodos carnavalescos.

A entidade Feliz Esperança, participou desse esforço para a libertação de escravos, como Valentim, ao qual a entidade integralizou a quantia necessária para sua alforria em 1884, quando Antônio era primeiro secretário da associação¹³. Mas, aparentemente, Antônio estava mais preocupado com a política, associando-se em 1887 ao Clube Republicano (OSÓRIO, 1922, p. 109), ainda usando o nome Antônio de Oliveira. Seu irmão recorda-se deste período: "Amante da liberdade, a qual entre nós era tradicional, sendo o pai de nossa mãe, segundo ela contava - moçambique - e que tinha andado na Guerra dos Farrapos, fugindo da casa de seu senhor, com Antônio Baobad, aos 13 anos de idade, acompanhávamos os ideais da propaganda republicana" (RX, 5/5/1935)

Se não era fácil ser negro e abolicionista na década de 1880 em Pelotas, também não era muito mais fácil ser republicano, e o clima ficou especialmente tenso em 1888, forçando a criação de uma guarda especial que dormia na sede para impedir invasões¹⁴. Em seu ativismo republicano, Antônio tinha a companhia constante de Armando Achylles de Álvares que alistou-se no partido republicano junto com Baobad, em 1887. Negro, nascido em 1866, ele participou de várias diretorias de associações negras e operárias algumas delas juntamente com Baobad. Eleitor em 1900, dizia trabalhar no comércio e era solteiro, com 34 anos¹⁵.

Provavelmente foi no Partido Republicano que Antônio travou conhecimento com João Tolentino de Souza e Alberto Ferreira Rodrigues, ambos militantes da causa republicana, mas que vão divergir dos rumos do partido, desiludidos com a permanência da situação social e econômica, ainda nos primeiros anos do novo regime. Além de republicanos, eles também se associaram a Liga Operária, tal como Antônio. João Tolentino, marceneiro e Alberto Rodrigues, jornalista, depois professor, logo se dedicaram ao jornal da Liga, o Operário, que terminou sendo suspenso devido a reclamações pela orientação socialista que eles lhe impuseram. Desiludidos também com essa associação, que consideravam tomada pela burguesia, fundaram, junto com outro Guilherme Sauter, o jornal Democracia Social, um dos primeiros jornais socialistas do estado e que nucleou um bom grupo de trabalhadores que, em suas

¹³ Correio Mercantil, 15/9/1885 e A Discussão 5/2/1884.

¹⁴ Xavier, in Alvorada, 27/8/1949.

¹⁵ D. Popular, julho de 1900

oficinas e nas discussões e estudos realizados, orientou-se pelo socialismo. Nesse grupo, estava Baobad, que já os acompanhara no lançamento de uma chapa “reformadora” para a Liga e que, a partir de outubro de 1893, passa a fazer parte da equipe, angariando assinaturas para o jornal. Nesse mesmo ano, é direção da greve dos chapeleiros, juntamente com outros companheiros da redação do jornal.

Antônio trabalhava, na função de fulista, na fábrica Bahman e Cia., tendo sido fundador da Sociedade de Socorros Mútuos União e Fraternidade dos Operários Chapeleiros, criada em maio de 1886. Na diretoria provisória, ocupava um cargo na Comissão de Contas, mas na diretoria seguinte, já era vice-presidente da entidade¹⁶. Vai ser líder destacado da categoria, liderando-a também quando da fundação do Centro Operário 1º de Maio, em 1899.

No final de 1893, a situação novamente se complica na cidade. Estava-se em pleno período revolucionário e, em dezembro, o Democracia Social é forçado a fechar, pois a luta entre federalistas e castilhistas não deixava espaço para uma proposta como a sua. O núcleo de operários socialistas ao redor do jornal se dispersa¹⁷, para evitar serem constrangidos a lutar por um dos lados. Nesse momento, não sabemos o que aconteceu com Baobad, se ficou na cidade, se conseguiu ir embora como os demais, ou se foi lutar pelos castilhistas, como republicano que era. Naquela época, alguns operários chegaram a dormir nas fábricas, para evitar sua incorporação às tropas.

Antônio Baobad, liderança negra e socialista

Foi em algum momento, entre o fim do jornal em 1893, em que ainda aparece como Oliveira e 1897, quando aparece na Comissão Revisora dos Estatutos da Sociedade Feliz Esperança, como Baobad, que Antonio decide mudar seu sobrenome. Na justificativa do fato, Rodolfo sempre ressalta o caráter étnico e consciente dessa escolha: “Assinava-se então, Antônio de Oliveira- apelido de seu ex-senhor e cujo apelido, não se conformando com ele, foi buscá-lo na flora africana, no gigantesco Baobad.” (RX, 5/5/1935)

Poderíamos acrescentar também o caráter ideológico dessa escolha: numa sociedade que tentava esquecer a existência, ainda há poucos anos, da escravidão e que desprezou e abandonou à própria sorte, os negros, ele se assumia como negro e reivindicava suas origens africanas, inventando seu próprio sobrenome. Não achei

¹⁶ Correio Mercantil, 13 de Maio de 1886 e 05 de Abril de 1887

¹⁷ Echo Operário, 23/1/1898.

outros membros da comunidade negra em Pelotas, que tenham seguido seus passos nesse particular¹⁸, nem Rodolfo, que revela-se seu discípulo: “ As suas instâncias, fizemos as primeiras colaborações na Alvorada e daí para cá não desmentimos seu pensamento quanto as diretrizes de nosso cérebro” (RX, 5/5/1935).

Provavelmente, a leitura de livros sobre o socialismo deu-lhe a idéia de desvencilhar-se dum nome que representava exatamente sua inserção no mundo como propriedade de outro homem. È uma ruptura simbólica fundamental com a visão de mundo de seus conterrâneos, inclusive porque não é um sobrenome cristão. Ao mesmo tempo, deve-se alertar para possíveis leituras que tendam a ver em Baobad e sua troca de nome, como uma possível influência religiosa afro: ele era socialista e esse grupo não compartia nenhuma simpatia sequer pela religião católica, muito menos por religiões que, a seus olhos, representariam sinais de ignorância e misticismo.

Outra questão importante a abordar é que, mesmo em uma sociedade conservadora como Pelotas, durante os anos finais da luta pela abolição, se formou uma espécie de aliança entre setores progressistas da sociedade e representantes de grupos negros, com o fim específico de abolir o estatuto escravista. Contudo, depois disso, houve um recuo, por parte dos grupos brancos, com o que os grupos negros tiveram que se reorientar no sentido de buscar seus caminhos numa sociedade de transição para a economia de mercado capitalista. Paralelamente a isso, também ocorria o surgimento do operariado como força separada e importante da sociedade. Com a República, ocorre um movimento de reorganização em geral, mas ele é limitado em suas possibilidades econômicas, sociais e políticas em relação aos membros das camadas populares, tendendo a frustrar as expectativas dos operários e artesãos mais conscientes daqueles anos. Participando desse processo, provavelmente Baobad se ressentiu da falta de espaço para os trabalhadores, da discriminação contra os negros imperante na sociedade, das atitudes ambíguas de elementos da própria comunidade negra de Pelotas, em relação à sua herança africana e então resolveu se assumir como negro, descendente de africanos, sem deixar de trabalhar nas outras frentes.

Como liderança negra, Baobad teve participações importantes na entidade Feliz Esperança, da qual foi integrante durante toda sua vida e muito colaborou, seja na direção, seja em cargos menores, e no jornal Alvorada, do qual só conseguiu

¹⁸ Entenda-se: foram achados outras pessoas, negras ou brancas, que mudaram seus sobrenomes, ao seu bel-prazer, o que era possível naquele tempo, mas nenhuma cujo conteúdo do sobrenome referenciasse, mesmo que de forma remota, a ascendência africana.

acompanhar seus primeiros meses. Entre outras pessoas que cruzaram seu caminho nestes e em outros espaços, deve-se destacar Pedro Joaquim Domingues, muitas vezes presidente ou secretário da Feliz Esperança¹⁹, que também foi presidente da União dos Culinários em 1891. Ainda participou do Recreio dos Operários, e fez parte de várias direções da União Operária Internacional de Pelotas, foi professor de ensino fundamental da aula dessa entidade em 1898, e manteve compromisso com a União até o fim, sendo seu último secretário em 1909²⁰. Em 1911 está na diretoria do Asilo São Benedito e participa da S. B. União dos Boleiros, de 1911 a 1913, pelo menos. Dizia-se socialista, fez parte da equipe de colaboradores do jornal Alvorada e teve que aprender vários ofícios para sobreviver, a julgar pelas entidades de que participou, como cozinheiro, boleiro, sapateiro, etc. Sua relação com Baobad merece maior investigação, pois partilham cargos de direção em várias entidades, e é um dos oradores da cerimônia em sua homenagem, quando da morte, em 1907. Contudo, não se deve esquecer que é ele que assume a presidência da União Operária Internacional, quando Baobad e Rodolfo demitem-se, saindo para formar outra entidade, o que, provavelmente, indica divergências políticas fortes entre ambos.

Por falta de espaço, não vamos acompanhar os últimos anos de Baobad, deixando estes para próximo artigo, mas ainda temos que ressaltar, como corolário da trajetória desse grupo negro que estamos acompanhando, a sua participação na primeira entidade operária nitidamente socialista de Pelotas, a União Operária Internacional, fundada em 1898, sob inspiração de Baobad, que se torna seu primeiro presidente. A nominata das duas primeiras direções, revela o imenso peso do operariado negro em sua composição:

Diretoria da Sociedade União Operária Internacional para o ano de 1898: Pres. Antônio Baobad, vice Pedro Joaquim Domingues, 1º sec. Rodolpho Xavier, 2º sec. José Alves das Neves (?), 1º tesoureiro Virgílio José da Silva; 2º tes. Izaias Baptista Gomes; 1º Procurador: Manoel da Silva Vasconcellos; 2º Proc. Adão Cardozo Machado, C. Sindicância: João Baptista Lorena, Guilherme Augusto da Rosa, José Martins Villar. Comissão de Contas: Lúcio Manoel do Porto, Rodolpho Baptista Flor de Liz, Leopoldo Xavier, João Achylles, Armando Achylles. de Alvare²¹s.

¹⁹ Conseguimos descobrir participação nesta entidade, nas diretorias de 1884, 1885, 1911, 1912 e 1913, pelo menos, sempre como presidente ou secretário. Ressalve-se que não temos todas as nominatas da direção, ano a ano.

²⁰ Opinião Pública, 21/1/1909

²¹ Opinião Pública 11/4/1898

Para 1899, a chapa oficial é: Pres. *Pedro Joaquim Domingues*, vice: *Raphael Ignácio da Silva*, secs. *Boaventura Xavier* e *Manoel da Silva Vasconcellos*, tes. Maximiano Marques de Amorim e *José Bastos*, procs. Lydio Antunes Soares e Avelino Francisco de Conceição. CC. *Justo José do Pacífico* (relator) José Luis Pereira, *Lúcio Crespo*, C. Sindicância: Vitalino da Rosa, Jerônimo Fabiano da Costa, *João Batista Lorena*. Oradores : João Thomaz Mignoni e *Guilherme Augusto da Rosa*²². Os nomes em itálico são de negros ou mulatos. Veja-se como vários dos aqui citados, comparecem na criação e direção desta sociedade, provando que há um padrão de militância em associações negras e operárias, por parte desse grupo. Outros, dos quais não se havia falado, como Boaventura Xavier e Raphael Ignácio da Silva, também tinham estudado na escola da Biblioteca.

Poucos meses depois, Baobad demite-se dessa entidade, fundando outra, o Centro Operário 1º de Maio, organização predominantemente de chapeleiros, embora haja outros operários fabris, que também tinha expressiva quantidade de lideranças negras, embora menos conhecidas.

Nos primeiros anos do século XX, Baobad deve ter sido forçado a deixar sua ocupação de operário, em função da grave doença que o acometeu, a tuberculose, e que vai levá-lo a morte, em julho de 1907 (D. Popular, 9/7/1907). Dedicase, então, ao comércio e ao ensino e participa ainda da organização e fundação do jornal negro A Alvorada, que reúne o que Santos (2003) chamou de “ intelectuais orgânicos” da etnia em Pelotas.

Para concluir, queremos lembrar que as lideranças operárias negras desta época, terminavam desenvolvendo dupla militância: como operários em suas associações de classe e como direção de organizações e associações negras dos mais variados tipos. A dupla representação era praticamente uma necessidade para os elementos mais conscientes da comunidade negra, pois as duas frentes de luta careciam de organização, e ambas eram importantes para a sobrevivência do grupo negro. Essa ligação entre a militância operária e a militância negra estará presente em várias ocasiões, em numerosas associações, contribuindo inclusive para manter um tom mais proletário mesmo em clubes recreativos e, provavelmente, pode estar na base de várias tentativas de reorganização de entidades sindicais, na República Velha.

²² Opinião Pública, 1/4/99.

Aqui, tentamos traçar, num breve esboço, a vida de alguns dentre esse grupo negro e a forma como tentaram inserir-se e modificar a dura realidade com que se confrontaram logo após a abolição, marcada pela exclusão, discriminação e falta de oportunidades. Mesmo assim, eles ampliaram os limites das possibilidades para sua classe, a operária e para a etnia negra.

Referencias bibliográficas:

- AL –ALAM, Caiuá. **Pelotas: a força e o negro Belizário**. Pelotas: Universidade Federal de Pelotas, Monografia (Licenciatura em História), 2005.
- ALVES, Lucio Xavier. **Rodolfo Xavier: uma intelectualidade na organização sindical e na luta dos negros em Pelotas (1931-1935)**. Pelotas: Universidade Federal de Pelotas, Monografia (Licenciatura em História), 2005.
- LONER, Beatriz. Quarto Congresso Operário do Rio Grande do Sul (1928). **Cadernos do ISP**, n. 11., dez, 1997, p. 21-48
- LONER, Beatriz. A revolta que efetivamente não houve ou de como abolicionistas se tornaram zeladores da ordem escravocrata. *História em Revista*, v. 3, p. 29-52, 1997b.
- LONER, Beatriz. **Construção de classe – operários de Pelotas e Rio Grande (1888-1930)**. Pelotas: EDUFPeL, 2001.
- PEREZ, Eliane. “ **Templos de luz: os cursos noturnos masculinos de instrução primária da biblioteca Pública Pelotense . 1875-1915**. Porto Alegre, 1995 UFRGS, Dissertação (Mestrado em Educação).
- RAPHAËL , Freddy - Le travail de la mémoire et les limites de l' histoire orale. **Annales**, 35 année, nº 1, janvier-février 1980, p. 127-145.
- SANTOS, José Antônio. **Raiou a Alvorada: intelectuais negros e imprensa em Pelotas (1907-1957)**. Pelotas: EDUFPeL, 2003.
- VITORINO, Artur. **Máquinas e operários**. São Paulo: Annablume, 2000.